

Chronica do Exilio

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Empresa Editora "Chronica do Exilio", 7, rue Lafayette, PARIS

Telephone : 324-25

PREÇO DA ASSIGNATURA (Frasco de parte) Pagamento adiantado	Anno	Fr.	14 -
	Semestre	—	7.50
	Numero avulso	—	0.30

SUMMARIO

O casamento d'El-Rei.

A campanha sobre as prisões politicas em Portugal.

Onde se denunciam á Carbonaria alguns inimigos das instituições.

Um incidente.

O sr. Camacho e o sr. José Luciano.

ESTÁ, como se sabe, ajustado o casamento entre Sua Magestade El-Rei e Senhor D. Manuel II e Sua Alteza a Princesa Augusta-Victoria de Hohenzollern, unica filha do Principe Guilherme de Hohenzollern, chefe do ramo mais velho da Familia Imperial allemã.

O jubilo intenso com que, dentro e fóra das fronteiras, esta auspiciosissima noticia foi acolhida por todos os bons portuguezes, é já uma primeira e commovida saudação á sua nova Rainha, que tão felizmente lhe foi escolhida pelo coração do Soberano.

As circumstancias excepcionaes em que fóram effectuadas as negociações d'este enlace, ás quaes se conservaram alheios os politicos, e em que S. M., contra o que é habitual nos esponsorios régios, foi ao mesmo tempo o noivo e o diplomata — indicam que, mais ainda do que as razões d'Estado, as razões de coração o determinaram. E com isso nos congratulamos todos, porque nos lares dos Reis, como no dos subditos, um mutuo e terno affecto é igualmente a melhor garantia d'essa ventura que tanto e por todos os motivos appetecemos á Familia destinada a ser a primeira de Portugal.

Mas, e de todo o modo, no facto duplamente solemne do casamento d'um Monarcha, impossivel se torra deixar d'encarar, independentemente dos seus motivos sentimentaes e intimos, o seu aspecto politico ; não pôde o interesse nacional alhear-se d'um acontecimento de tamanha magnitude.

Por isso, com prazer e com orgulho, reconhece o paiz que não podia um enlace régio ser mais prestigioso do que aquelle que vae effectuar-se entre o seu Soberano e a excelsa Princeza cujo nome diz o da gloriosa dynastia tão indissolvelmente ligada á obra prodigiosa do engradecimento do Imperio.

Ficará bem a gentilissima representante dos Hohenzollern no throno portuguez, onde ha de saber amal-a um paiz em cujo coração perdura ainda a lembrança dulcissima d'essa outra Princeza da sua Casa, a Rainha Estephania, tão suave e tão ephemera que não terá sido talvez, quem sabe? senão um alado, angelical prenuncio da hora faustosa que ha de vêr pousar-se na fronte juvenil da Princeza Victoria a corôa de Santa Izabel — e de Luiza de Gusmão.

A Casa Real Portugueza deu em tempo uma filha aos Hohenzollern, a Infanta D. Antonia, modelo d'esse conjunto de virtudes familiares que em todos os tempos tem sido o mais resplandescete diadema das Princezas de Bragança. E' como que uma deslumbrante restituição que se nos faz hoje, e as condições tão excepcionaes do momento em que ella se effectúa são de molde a duplicar a veneração e a sympathia com que todos os bons portuguezes haviam d'acolher em qualquer caso a eleita do seu Soberano.

Vem a Princeza Victoria de Hohenzollern desposar o nosso Rei, e com o Rei a nossa causa, n'uma hora de triste adversidade ; n'uma hora em que o seu reino se repartirá entre a sombra dos ergastulos e as estradas do exilio, em que o seu throno não pôde erguer-se senão nos corações, dentro dos quaes vae encontrar, debatendo-se, a esperança e a dôr ; quando as aclamações dos seus adeptos se confundem, no fundo das masmorras, com os brados do soffrimento, quando

as preces que hão-de, de muito longe, acompanhá-la ao altar do seu noivado chegam a Deus entrelaçadas em rogos ansiosos, que os mesmos lábios murmuraram, pela vida d'um pae, d'um marido, d'um noivo, d'um irmão, encarcerados ou banidos por amor da Pátria e do Rei !...

Cinge a gracil Princeza, antes da corôa d'oiro, uma corôa de cuidados ; mas como isso lhe vale desde logo o reconhecimento e o amor do que será um dia o seu povo !

Possa o anunciado enlace preceder de perto, como o mais feliz dos augúrios, a restauração d'uma Monarchia que symbolisa tanta coisa querida á alma portugueza !

A nossa linda e gloriosa bandeira — a bandeira azul e branca, que nenhum verdadeiro portuguez recorda sem commoção e que o regimen republicano baniu tambem, como era justo e necessario que banisse — fluctúa ha alguns dias, ridente e tão bella como sempre, no alto do castello de Sigmaringen, onde se hospeda o Rei de Portugal.

Quem sabe se isto não é de bom agoiro, e se reacostumando-se a tremular nos ares o velho lábaro não se afoita qualquer dia a palpitar de novo ás brisas da nossa Pátria ?

Assim seja ; e que a bandeira exilada agora, se eleve então triumphal em cada eminencia da formosa Lisboa, para retribuir á nova Rainha, quando a vir pisar o solo portuguez, a tocante hospitalidade que recebeu d'ella sob um ceu estrangeiro !

Interpretando, além do nosso proprio sentimento, o de todos os portuguezes que dentro e fóra do paiz se devotam á causa patriótica da Monarchia, saudamos n'esta occasião respeitosaente Sua Majestade El-Rei, a graciosa Princeza, destinada as throno portuguez, e Sua Majestade a Rainha Senhora D. Amelia, a quem os providenciaes designios quizeram agora, com esta ditosa emergencia, mitigar um pouco as

amarguras tão innerecidas, quanto corajosamente supportadas, que teem sagrado os mais recentes annos da sua vida d'Esposa, de Mãe e de Rainha !



**Os presos
políticos**

Vemos transcriptas em alguns jornaes certas declarações que dois presos da Penitenciaria terão feito, se fizéram, ao diario lisboeta A CAPITAL, a proposito da humanitaria campanha que a Senhora Duqueza de Bedford tem meritoriamente conduzido, com tão sympathico echo na opinião ingleza, contra o regimen infame e sem exemplo a que a Republica submette os prisioneiros politicos.

Essas declarações, nos termos em que apparecem redigidas, manifestam a reprovação dos seus auctores a respeito da obra admiravel iniciada por aquella Senhora, com o fundamento verdadeiramente estranho de que a illustre titular é uma estrangeira, o que quer dizer uma intrusa n'aquillo que os dois martyrisados monarchicos, apreciando o caso do fundo das masmorras d'uma prisão commum, entre uma turba d'assassinos e de ladrões, chamam bastante latitudinariamente — *a vida politica portugueza...*

Haveria que apurar, antes de tudo, se as palavras de D. Francisco Ficalho e do P.^o Avelino de Figueiredo fóram precisamente as que vieram publicadas. Conhecemos bastante do que se entende por imprensa e por lealdade jornalística entre a garrulagem que presentemente esgaratuja na maior parte das folhas demagogicas, desde o artigo de fundo aos annuncios, para podermos fazer fé do que ellas dizem, mórmente referindo-se a pessoas cuja situação lhes torna embaraçoso esclarecer rapida e completamente as coisas.

Por outro lado, se admittimos como verdadeira a versão da CAPITAL, Deus nos livre de querer a tal proposito fazer considerações susceptiveis de mesmo levemente molestar dois prisioneiros monarchicos, e exactamente dos mais respeitaveis pelo que teem sof-

frido e pela coherencia admiravelmente valorosa, pela inexcidível grandeza moral da sua attitude a través de tantas e tão rudes provações.

Mas a verdade é que, considerando-se por um momento as coisas, não pôde a imprensa monarchica deixar de manifestar, muito á boa paz, que por mais dignas d'acatamento que sejam as intenções — e apenas as intenções — que pôdem ter ditado similiaes palavras, ellas não significam senão um critério pessoal a que pela nossa parte, e muito terminantemente, recusamos associar-nos.

Devemos este desaggravo á Senhora por todos os titulos nobilissima, que tão devotadamente se tem empenhado na obra bem dita de chamar a attenção da opinião ingleza, e da de todo o mundo culto, para as atrocidades sem nome de que são victimas em Portugal alguns milhares de prisioneiros indefesos, não já contra as tradições do paiz, não já contra a propria e oppressiva legislação republicana, não já mesmo contra o que em todos os povos civilizados é d'uso a respeito de delinquentes politicos, mas contra os principios geraes d'humanidade que inspiram em toda a parte o tratamento de prisioneiros de qualquer especie, e cuja postergação cobre d'opprobrio indelevel o barbaresco regimen estabelecido em Portugal.

Não é um movimento politico a campanha emprehendida pela Duqueza de Bedford e calorosamente secundado, n'um impulso do mais desinteressado humanitarismo, por algumas das primeiras individualidades de todos os partidos e correntes d'opinião da Inglaterra, sem exclusão dos socialistas e dos livre-pensadores, os quaes tem pelos seus principios um respeito desconhecido do bandoleirismo que em Portugal se acolhe sob as mesmas taboetas.

Trata-se da mais nobre, legitima e santa cruzada de solidariedade humana, ou de philantropia, se assim quizermos dizer; similhante á que cercou d'uma aureola inextinguivel o nome de Gladstone, que aliás nunca soffreu a dolorosa surpresa de vêr repellida a

sua obra benemerente sob o pretexto verdadeiramente imprevisto ... de ser um estrangeiro para aquelles a quem se consagrava.

Foi sem duvida alguma, repetimos, um sentimento dos mais louvaveis que inspirou as declarações attribuidas áquelles presos politicos ; mas um sentimento que não foi, infelizmente, nem bem servido, nem a propósito na sua manifestação.

Não supponho que ella haja maguado a illustre dama, nem que a arrefeça nos impulsos benemerentes que inspiram a sua santa campanha, seguida pelas benções e pela gratidão de tantas outras mulheres, mães e esposas angustiadas, que já lhe ergueram um altar de veneração nos seus peitos trespassados pela dôr.



Os " inimigos das instituições " Um das mais curiosas e impressionantes manifestações da inópia (o termo é do agrado do snr. Camacho) da inópia politica da gente do regimen, é a preocupação que tem, a cada um dos seus contratempos, de vir apressadamente clamar que não é nada, que tudo são manejos dos « inimigos das instituições ».

Forjam uma lei asnatia ou inexequivel, que começa a estalar por todas as costuras na primeira hora em que pensam vestil-a ao paiz. — « Não é nada, não é nada ! — acodem logo — São os « inimigos das instituições !... »

Vae um cabecinha d'alhos qualquer, *chefe politico, senador, deputado*, pela provincia fóra a querer bolsar dislates livre-pensadeiros, ou coisa que o valha, e vem de lá corrido, fugindo a sete pés d'uma carga de marmeiro. « Ora essa ! — explica — Não foi nada. Únicamente uma manobra dos inimigos das instituições ! »

Cada pateta oficialmente garantido pelo directorio com um diploma de *parlamentar*, e cada sapateiro remendão instituido em governador civil, adminis-

trador de concelho ou regedor d'aquella entrudada, tem no caco uma reforma grandiosa, e da concepção á acção não vae distancia n'um regimen que se propõe « remodelar d'alto abaixo a carcomida sociedade portugueza, que a ominosa Monarchia tinha collocado á beira d'um abysmo... »

Portanto, ao passo que um vae á « carcomida sociedade » e se dedica por exemplo, a exterminar n'ella o sentimento religioso ou a organização familiar, o outro pensa que é mais util e sociologico alterar a notação das horas, se não antes mudar o typo da moeda de *reis* para *centavos*, entre um povo que ainda vem nos *cruzados* e nos *quartinhos*...

Emquanto este, n'uma ancia irreprimivel de remodelar d'alto a baixo a carcomida sociedade, desorganiza a beneficencia publica ou vira dos pés para a cabeça o nosso systema d'instrucção, — aquelle, orientando n'outro sentido as potencias do seu genio renovador, inventa um fardamento para a policia; — isto ao passo que um terceiro, muito mais seguro das origens de todo o mal e não menos decidido a cortal-o pela raiz, decreta gloriosamente uma nova orthographia...

Sem embargo porém, e ao mesmo tempo, um Fulano qualquer em Pardelhas, considerando que a Patria vaé mal, que isto assim não póde continuar, que chegou o momento das grandes decisões e que é preciso que se veja se a Republica tem *ósteridades* ou não tem *ósteridades* — resolve prohibir a apanha do molicho; outro *Themotio* na sua terra transtorna o regimen secular da distribuição das aguas; outro muda o dia do mercado, outro interdiz um baldio, outro derruba um cruzeiro...

É claro que no fim de contas ninguem se importa nem com o novo horario nem com a nova orthographia nem com os novos milavos, que o sentimento religioso recrudesce, que o molicho se continua a apanhar, que o mercado se continua a fazer, que o baldio nunca deixa de ser baldio, e que os *Themotios* levam de vez em quando pelos queixos uma « ominosa » roda de

tamanco, que os desengana da possibilidade d'implantar n'um meio tão retrogado as conquistas da civilisação e do progresso, que tinham patrioticamente magicado ao coser da bebedeira dominical.

« São os inimigos das instituições ! — brada então a Republica em peso — E' a malta jesuitica, thalassica e reaccionaria ! » — arrota o Estevão do burro.

E todos concordam, e ficam triumphantes !...



Ora nós não negamos que muitos dos embarços encontrados pelo regimen no decorrer da sua obra de destruição, de confusão e de ruina lhes tenham sido creados propositada, consciante — e conscienciosamente — pelos elementos monarchicos do paiz.

Honra lhes seja, e nunca as mãos lhes dôam. « Levantar difficuldades á Republica » ainda é a occupação mais meritoria a que pôde entregar-se um portuguez que se prése, e que prése o nome e os destinos da Patria.

O que é imbecil é que os republicanos expressamente reconheçam (apesar de toda a sua evidencia) a força da opinião monarchica que lhes apparece em toda a parte, e cujas pequenas resistencias passivas tem bastado, assim, para os não deixar pôr pé em ramo verde desde que ha dois annos o meio se assenhorearam de poder e de todos os elementos de dominio, de pressão e de corrupção que elle proporciona e largamente tem sido usados. Mas não se tem visto gazetas ministeriaes virem declarar, bastante asinadamente, que a opporrtunidade das eleições ainda não chegou porque ellas só podem convir aos monarchicos, e que reclamal-as é prova de *thalassismo*!...

Todavia a verdade é tambem que, se a Republica dá a cada passo com as ventas n'um sedeiro, deve-se confessar que nem sempre foi um monarchico de bom-humor que determinadamente se entreteve a levantar-lhe a arnadilha.

Está o regimen cercado, com effeito, d'*inimigos das instituições*.

Mas taes inimigos nem todos se escondem no largo chapeu e na capa côr-de-muro dos conspiradores classicos. Ha outros mais invisiveis, mais implacaveis e mais perigosos ; tanto assim que a Republica sente esganada por elles, e nem os agarra, nem os distingue, nem os entende.

São os fortes sentimentos collectivos enraizados no mais profundo da alma nacional ; são os instinctos de conservação da sociedade reagindo formidavelmente contra o assalto de minusculos agentes destruidores ; é a reluctancia salutar das massas contra todas as innovações cuja utilidade, ou cuja innocuidade pelo menos, não apparece evidente aos seus olhos ; é por outro lado o espirito monarchico do paiz, que subjugou a Republica — sobranceiro como é, com os seus oito seculos de glorioso desenvolvimento, ao episodio d'operetta que se desenrola em Portugal ha alguns mezes ; são ainda, pelo paiz fóra, as pequenas mas vivazes tradições locais — tradições de sentimento ou tradições d'interesse — que resistem, que se obstinam e se sobrepõem com toda a facilidade ás ridiculas pretensões reformadoras de legisladorecos d'escada-abaixo.

Taes são os *inimigos das instituições*, que as condemnaram a mil mortes n'uma das taes sentenças que não soffrem appellação.

Quando pensamos no seu poder invencivel, como não rir com muito bom semblante das velleidades de resistencia d'essa phantastica Republica, com as suas bombas de pataco, os seus *elementos civis* e os berros e pinotes dos seus insignificantes « estadistas » no seio da « representação nacional »?...



**Um
incidente**

Ha, como facilmente se concebe, uns individuos de topete tal e de tão limitada vergonha, que os proprios republicanos justamente receosos de que, por ainda serem peores, elles os levassem de vencida nas pugnas politicas do actual regimen, se apressaram a afastar de ao pé de si tão temiveis emulos. Esses sujeitos intitulam-se hoje, como quaesquer outras pessoas — *políticos monarchicos*.

Mas como lhes não sobra nem a coragem nem a convicção para soltarem pio contra as vexações da Republica, e como por outro lado precisam fazer recair sobre alguém a profunda indignação de que se encontram possuidos, lançam mão de recurso por todos os motivos mais commodo e menos arriscado, entretendo-se agora alguns no Porto e redondezas a aldrabar, segundo refere o CORREIO, que « uma boa parte das importantes sommas que tem ido para o estrangeiro se destinam e são pedidas para sustentar o CORREIO e homens como Alvaro Pinheiro Chagas, Annibal Soares e Joaquim Leitão ».

Tambem já nos tinha chegado um rumor d'essa garotice. Aquelle nosso brilhante collega respondeu-lhe por si, e tambem por nós, em termos que muito reconhecidamente lhe agradecemos; como o fez com mão de mestre, quasi não valeria a pena d'insistir no assumpto.

A CHRONICA DO EXILIO não recebe nem recebeu jamais, sob qualquer fórma que fôsse, nenhuma especie d'auxilio ou subsidio, nem do *comité* monarchico, nem de ninguem.

A CHRONICA vive exclusivamente dos seus recursos proprios e dos da sua reduzida Empreza. E se a Republica dêsse de gratificação por anno, a esses taes *políticos monarchicos*, a importancia d'um duodecimo dos sacrificios pecuniarios que a mesma Empreza, ou antes o seu unico socio capitalista, tem feito por esta publicação, os bons dos *políticos monarchicos* deixavam-nos em paz, porque passavam o dia e a noite a zurrar vivas ao sur. Affonso Costa.

Emquanto ao redactor da CHRONICA, pessoalmente, apesar de bandido do paiz nas condições em que o foi, ainda, seja Deus louvado, não deixou de poder pelo seu trabalho exclusivo ganhar bastantemente a vida fóra da Patria, sem necessidade de subsidios de qualquer natureza; — o não é esse o seu menor orgulho.

Mesmo até, se fôssemos profundar as coisas... Porque o melhor da passagem ainda o CORREIO o ignora!

O melhor da passagem está em que, se o mais entusiastico propalador dos taes boatos é quem nos dizem ser, essa pessoa sabe como ninguem que o redactor d'esta CHRONICA não é sequer muito impertinente em reclamar o que possa ser-lhe devido pelas suas collaborações jornalisticas — quanto mais em solicitar subsidios meramente graciosos...

Está claro que não alludimos a este detalhe senão porque elle reveste o caso d'um pittoresco inexcusavel, e porque, a ser assim, as mordedelas de que o redactor da CHRONICA é objecto desde tão longas terras, constituem então um phenomeno caninopathico dos mais curiosos.

E vamos adiante...



Simple Escreve na LUCTA o snr. Camaeço
inversão — como quem não quer a coisa:

« A parvoíce indigena, estorcendo-se em dores de parto, deu á luz esta coisa enorme — que o nosso director tem as habilidosas manhas do sr. José Luciano de Castro, que passava, não sabemos com que justiça, por ser o politico mais habilmente manhoso da Monarchia. Pois o nosso director é o mais habil manhoso da Republica. — Pelo menos assim o dizem todos os parvos e o repetem todos os philosophos, ou o dizem todos os philosophos e o repetem todos os parvos, como o leitor quizer. »

Escusa a tal respeito de ter duvidas...

Quem diz isso são os parvos, e o unico « philosopho » que o repete é o snr. Camacho, a si mesmo ou nos desabafos intimos com *D. Valbuena*, o seu admirador solitario.

Tanto que ainda este ha pouco tempo (como tudo lhe faz confusão) contemplando muito intrigado o « mais habil manhoso da Republica », se punha a ruminar com os seus botões :

— Forte mania do Camacho, d'inverter as coisas e as pessoas ! Porque demonio usará elle na cabeça... as pernas do José Luciano ? !

ANNIBAL SOARES.

EXPEDIENTE

O 1.^o vol. da CHRONICA DO EXILIO (n.^{os} 1 a 26) será posto á venda durante o corrente mez de maio, LINDAMENTE ENCADERNADO EM PERCALINA com as côtes da bandeira nacional, ao preço de FRS. 10,50, (Rs. 2.200) importancia que deve acompanhar todos os pedidos, QUE D'OUTRO MODO NÃO SERÃO SATISFEITOS. (Registado, mais 25 centimos.) Aos requisitantes de Portugal, os volumes ser-lhes-hão expedidos DE DENTRO DO PAIZ.

Ao mesmo tempo podemos em separado á venda as mesmas CAPAS ESPECIAES para encadernação das collecções, fornecendo-as aos snrs. assignantes que as pedirem ao preço de FRS. 2,50 (Rs. 550) pagos ADEANTADAMENTE. (Registadas, mais 25 centimos.)



A Empresa accêta para pagamento, tanto d'assignaturas como dos volumes ou das capas especiaes, sellos de correio portuguezes ou francezes, vales postaes ou cheques.

Todos os pedidos, assim como a correspondencia relativa a esta publicação, devem ser dirigidos á NOVA SEDE :

EMPRESA EDITORA.

St. JEAN-DE-LUZ, France (Basses-Pyrénées.)

Em Paris a CHRONICA vende-se no kiosque junto do GRAND CAFÉ (*Boulevard des Capucines*).